

## **Expressões emocionais de sorriso e choro nas interações de pares de bebês, em creche**

**Marisa von Dentz<sup>1</sup>**

**Kátia de Souza Amorim**

Universidade de São Paulo, Brasil

### **RESUMO**

Expressões emocionais de bebês têm sido investigadas desde longa data, particularmente na relação do bebê com adultos, principalmente a mãe. Porém, ambientes coletivos de educação infantil em que convivem pares de idade carecem de investigações neste sentido. Traçou-se, assim, o objetivo de identificar ocorrências e transformações de manifestações emocionais de sorriso e choro na relação de pares de bebês, naquele contexto. Conduziu-se Estudo de Caso, com base na perspectiva histórico-cultural. Acompanhou-se um bebê por seis meses na creche, através de videogravação. Foi realizada transcrição e análise microgenética das interações, para apreender as expressividades de sorriso e choro. Resultados demonstram que o bebê teve transformadas suas expressões de sorriso, levando à maior possibilidade de apreensão pelos pares, já que o sorriso se dava inicialmente de modo mais silencioso e fugidio. A expressão de choro apresentou diferenciação de intensidade e duração, que resultava em choramingos, choros ou choros prolongados. Através das experiências vividas, o bebê passou a sorrir para o outro; e, quando incomodado com algo, passou a chorar em direção ao professor. Além da relevância teórica, o estudo pode contribuir para a prática profissional, pela explicitação de modos de interação e manifestação dos infantes; e, através destas, do desenvolvimento de competências socioemocionais.

**Palavras-chave:** Bebês; Interação; Sorriso; Choro; Educação infantil.

### **ABSTRACT**

Babies' emotional expressions have been investigated for a long time particularly through infant's relationship with adults, especially the mother. However, those expressions need further investigations in ECEC environments of which very young children participate and get related to peers. Thus, the goal was to investigate emotional expressions (smile and cry) and its transformations within babies' interactions with peers. A Case Study was conducted, based on historical-cultural perspective. One infant was followed up along his first six months of attendance at the daycare, through videorecording. Microgenetic transcription and analysis of the babies' interactions and expressivity were carried out. Results showed that the baby had his smile expressions transformed, getting more visible by the peers, as initially smiles showed to be silent and subtle. Expressions of cry presented differentiation in intensity and duration, resulting in whining, cry and long-term cry. As such, through the lived experiences, the babies would smile broader to the other; also, when bothered by something, the infant would cry directly to the teachers. Beyond theoretical relevance, the study can contribute to professional practices due to indication of diverse modes of peers' interaction and expressiveness in that environment; and, through them, understand some aspects of the development of socio-emotional competences.

**Keywords:** Infant; Interaction; Smile; Crying; Daycare center.

---

<sup>1</sup> Endereço de contacto: marisadentz@gmail.com

## 1. Introdução

Expressividades emocionais em bebês têm sido investigadas em diferentes áreas do conhecimento - como Etologia, Biologia Evolucionária e Psicologia (Branningan & Humphries, 1981; Darwin, 1965/2004; Mendes & Moura, 2009; Otta et al., 1992). Quando pesquisadas na relação com um parceiro, predominam estudos na relação do bebê com adultos, particularmente a mãe, tradicionalmente considerada como fundamental no processo de construção de relações afetivas (Bowlby, 1969/1990; Seidl-de-Moura et al., 2008; Spitz, 1965/2004).

Estudos recentes têm, no entanto, afirmado a possibilidade de interação de bebês inclusive com outros bebês, destacando as emoções e a afetividade como formas de manifestação nas suas relações (Lewis, 2005). Howes (1988) discute nesse sentido a importância das interações de crianças pequenas com grupos da mesma faixa etária, tal convivência possibilitando o aumento da competência social não só durante a convivência com o grupo, mas também, quando inserida em outros grupos, em idades posteriores.

Muitos desses estudos têm se dado em ambientes coletivos de educação, já que vem crescendo - mesmo para crianças bem pequenas - o cuidado/educação compartilhado entre a casa e as instituições do tipo creche, em resposta à crescente participação da mulher/mãe no mercado de trabalho (Amorim, Anjos, & Rossetti-Ferreira, 2012; Daniel & Shapiro, 1996). Como nesses contextos existe menor rácio adulto/criança, as outras crianças são os parceiros potenciais mais frequentes de interação.

Por sua novidade, coloca-se a necessidade de melhor entender como se dão tais processos interativos - e neles as manifestações socioemocionais dos bebês -, podendo contribuir teoricamente com a questão, além de subsidiar a prática pedagógica junto aos bebês em contextos de educação coletiva.

De modo a aprofundar a questão, foi conduzida uma revisão bibliográfica dessa temática. A análise da literatura evidenciou que interações de pares de bebês passou a ser foco de estudos nas décadas de 1970-1980 (Anjos, Amorim, Franchi e Vasconcelos, & Rossetti-Ferreira, 2004), com importante ampliação ao surgimento de tecnologias como videografações, que resultaram em refinadas metodologias à análise de tais processos (Amorim, Dentz, & Costa, 2018; Carvalho et al., 1996; Rutanen, Amorim, Marwick, & White, 2018). Nesse sentido, um conjunto de estudos tem evidenciado a ocorrência de processos interacionais de pares de bebês (Amorim et al., 2012; Neves, Katz, Goulart, & Gomes, 2018), autores afirmando inclusive que as crianças apresentam habilidades de relacionamento em grupo, já no primeiro ano de vida (Bradley & Smithson, 2017). Dentre os trabalhos, alguns analisam elementos específicos como a co-construção de processos locomotores (Costa & Amorim, 2018), enquanto outros o papel da corporeidade nos modos de comunicação não-verbal (Amorim, 2011; Amorim & Rossetti-Ferreira, 2008). Destaque particular é dado aos gestos de apontar e à constituição da atenção conjunta na relação dos pares, mesmo em idade bem precoce (Franco, Perucchini, & March, 2009; Shin, 2012). Quando o foco está centrado no modo de relações, trabalhos buscam discriminar entre relações amistosas ou conflituas (Deynoot-Schaub & Riksen-Walraven, 2006; Rose et al., 2016), alguns autores indicando que as relações podem ser amistosas desde muito precocemente (Engdahl, 2011), as crianças construindo relacionamentos entre elas (McGaha, Cummings, Lippard, & Dallas, 2011). É ainda discutido que mesmo a existência de conflitos pode representar um veículo fundamental ao desenvolvimento dos bebês quanto à compreensão social e à atividade partilhada (Shin, 2012).

Quando as investigações privilegiam expressões faciais em bebês, tem-se uma predominância de pesquisas que diferenciam entre emoções positivas e negativas (Mendes & Seidl-de-Moura, 2009). Nichols, Svetlova e Brownell (2010), por exemplo, relacionam mudanças nas manifestações de emoção positiva e negativa entre os infantes de acordo com a idade. Já Deynoot-Schaub e Riksen-Walraven (2006) discutem que a frequência das interações de pares de bebês tende a aumentar em suas características negativas, em forma de agressividade e competitividade.

Outros autores analisam a capacidade de os bebês criarem relação de amizade entre si, o sorriso representando um dos elementos de iniciativa em tais relações (Engdahl, 2011). Também a manifestação de choro foi considerada em relações de pares como um dos sinais de sofrimento, que desperta empatia nos demais bebês (Liddle, Bradley, & McGrath, 2015). Apesar de estes estudos tratarem do sorriso e do choro, tais expressividades emocionais não são foco central dos trabalhos encontrados. As expressividades são citadas apenas como sinais do bebê que indicam positividade ou negatividade, amizade, iniciativas positivas

ou negatividade, agressividade e conflito. Porém, não há aprofundamento no sentido de compreender as condições em que se dão e, muito menos, sua transformação com as vivências/experiências dos bebês. Ademais, quando tais manifestações emocionais são analisadas, há predominância de reconhecimento das mesmas na face dos bebês (Mendes & Seild-de-Moura, 2009; Messinger, 2002). Porém, como autores vêm destacando, há a importância de considerar as expressividades do bebê como se manifestando através de toda a sua corporeidade (Amorim & Rossetti-Ferreira, 2008; Ferreira, 2013).

Deste modo, considerando: 1) que os bebês têm participado de forma crescente de contextos de educação coletiva; 2) de que, nesse contexto, o outro bebê é potencialmente o mais frequente parceiro; e, 3) de que predominam estudos que verificam expressividades emocionais de bebês na relação com pessoas adultas, interrogou-se: como se dão as expressões emocionais na relação de pares de bebês?

Dentre as manifestações emocionais, optou-se pelas relacionadas ao sorriso e choro.

## 2. Método

A coleta e a análise de dados foram conduzidas com base em pressupostos histórico-culturais (Vygotsky, 1991; Wallon, 1941/1999), particularmente com base na perspectiva da Rede de Significações (Rossetti-Ferreira, Amorim, & Silva, 2004). Esta guiou a coleta e análise considerando que ela propõe que, no primeiro ano de vida, está presente a intersubjetividade primária (Trevarthen, 2001). Nesse sentido, de que o desenvolvimento se dá através de complexos processos (Morin, 1990), fundados em relações dialógicas (Bakhtin, 1934-1981), os processos ocorrendo dentro das concretas condições de existência de que a criança participa e que circunscrevem as experiências (ou, Perezhivanie, González Rey, 2016).

Foi então conduzido um Estudo de Caso Único (Yin, 2015), para acompanhar longitudinalmente e no contexto concreto de vida (creche), as manifestações emocionais de um bebê com seus pares de idade. Pelo limite que um caso único coloca, o estudo não objetiva generalizações estatísticas, mas a formulação de hipóteses e o desdobramento de questões conceituais referentes à temática.

O projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. A participação dos bebês aconteceu mediante autorização de seus responsáveis legais, inclusive para a apresentação de imagens em publicações científicas. Importa destacar que os nomes de todos os participantes mencionados são fictícios.

A pesquisa foi realizada em instituição de educação infantil coletiva, de uma cidade de médio porte, do Estado de São Paulo - Brasil. Os participantes foram 24 crianças (entre 4 e 10 meses de idade no início da coleta) e cinco professoras. Dentre as crianças que compunham a turma, sorteou-se um bebê principal: Tiago, que tinha cinco meses de idade ao início da coleta.

Os bebês foram acompanhados por videograções (Amorim, Dentz, & Costa, 2018; Belei, Gimenez-Paschoal, Nascimento, & Matsumoto, 2008), em momentos de brincar não dirigido. As gravações foram realizadas semanalmente, durante trinta minutos, ao longo de seis meses, o bebê Tiago sendo acompanhado desde seu ingresso na creche. O conjunto das gravações resultou em banco de imagens de oito horas e 30 minutos.

À análise, as cenas foram repetidamente assistidas, sendo inicialmente selecionados alguns episódios. Estes foram visualizados e discutidos junto a integrantes do grupo de pesquisa, de modo a se ter confirmação do recorte e da interpretação realizada. Após isso, retornou-se ao material empírico de modo a refinar a análise dos processos interativos e das manifestações emocionais entre as crianças, conduzindo análises longitudinais através das suas vivências.

Importante mencionar que a definição de interação usada envolve a concepção de potencialidade de regulação e correção entre os membros de um campo (Carvalho, Império-Hamburger, & Pedrosa, 1996). A correção implica em evento com reciprocidade entre os bebês, com ajustamento mútuo, em que ambos têm seu comportamento dirigido ao outro, com ações conjuntas. Como exemplo, considera-se a situação em que bebês compartilham de uma mesma atividade, como a exploração e partilha de um mesmo objeto. Já a regulação é identificada quando as ações/emoções de uma das crianças são reguladas pela outra, mesmo que a segunda criança não tenha percebido. Como exemplo, pode-se citar o bebê que realiza ações de imitação de outra criança, como bater ritmicamente em algum objeto, sendo que a segunda criança não se atenta ao fato de o outro bebê estar a imitá-lo.

Em termos das expressões emocionais – riso e choro –, foi com o contato *a posteriori* (Kreppner, 2001) dos dados que possibilitou uma formulação mais refinada das categorias. As categorias são: riso, sorriso; choramingo, choro e choro prolongado, sua construção tendo sido inspirada ainda em estudos relacionados (Cheyne, 1976, p. 13, citado por Otta & Sarra, 1990; Darwin, 1965/2004; Ferreira, 2013).

**Figura 1.** Conceituação das expressões emocionais

	<p><b>Sorriso:</b> esticar os lábios podendo abrir a boca com ou sem exposição da dentição inferior, comprimindo os olhos de acordo com a intensidade. Vocalizações (como gritos e balbucios) e movimentos corporais (como aproximações, retrações, palmas, abaixar ou levantar o olhar) podem acompanhar a expressão.</p>
	<p><b>*Riso:</b> Ato ou efeito de rir, risada, gargalhada. Sons emitidos do fundo da garganta com força rítmica e sem duração definida, envolvendo maior abertura da boca, contração dos músculos faciais, compressão dos olhos e exposição da dentição. Movimentos rítmicos do corpo podem acompanhar a expressão.</p>
	<p><b>Choramingo:</b> caricatura do choro ou um choro forçado, sem a presença de lágrima. Quando há expressão vocal, se apresenta semelhante àquela manifesta no choro, porém, com altura e ritmo menos intensos. Movimentos corporais diversos podem acompanhar a expressão. Nas ocorrências encontradas no material empírico, teve duração inferior a 10 segundos.</p>
	<p><b>Choro:</b> consiste em juntar e abaixar as sobrancelhas, quase fechando dos olhos, podendo apresentar lágrima. Há presença de vocalização na forma de sons rítmicos, normalmente produzidos do fundo da garganta. Movimentos corporais podem acompanhar a expressão (como deslocar-se, bater em superfícies, encostar o rosto no chão). Nas ocorrências encontradas no material empírico, tiveram duração superior a 10 segundos e inferior a 1 minuto.</p>
	<p><b>Choro prolongado:</b> consiste no choro que se apresentam de forma mais intensa e prolongada, com presença de lágrima. Movimentos do corpo se assemelham àqueles do choro, podendo variar quanto à velocidade: mais bruscos ou bastante lentos. Nas ocorrências registradas no material empírico tiveram duração superior a 1 minuto.</p>

Considerando o modo como as expressões emocionais se efetivaram nas interações dos pares, fez-se uma seleção de episódios, de forma a apreendê-los longitudinalmente. Estes foram transcritos microgeneticamente, considerando a sequência de acontecimentos, as condições em que ocorreram, objetos e pessoas envolvidas, tempo de duração, características das interações, etc. Essa descrição minuciosa favorece a realização de uma análise microgenética (Góes, 2000), de forma a apreender o processo histórico de transformação das expressões na relação com os pares, construídas nas múltiplas experiências das e entre as crianças.

### 3. Resultados

Nesta sessão, serão apresentados primeiramente dados relativos às manifestações de sorriso do bebê Tiago, seguidas de sua análise e discussão. Na sequência, serão apresentados os episódios, a análise e discussão do choro. Finalmente, será feita discussão geral dos dados.

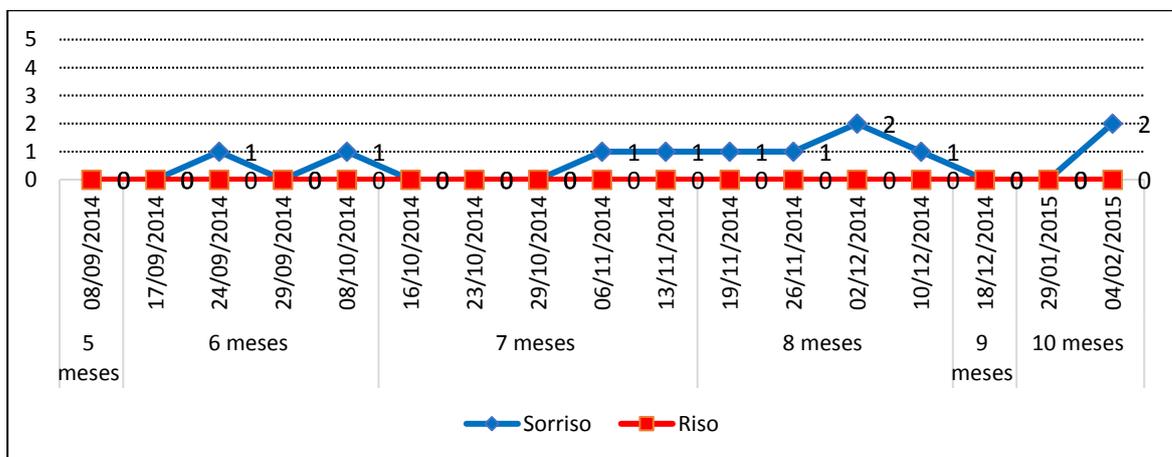
#### 3.1. O caso de Tiago

Tiago foi acompanhado a partir de sua entrada na creche, quando ele contava com 5 meses e 24 dias de idade. No início, ele permanecia basicamente deitado - ora de barriga para baixo ora para cima -, também sendo sentado com apoio. Ao longo de seu acompanhamento, ele passou a engatinhar e, no último mês de gravações, ele já ficava em pé com apoio. Imagens indicam que sua estadia na creche foi marcada por curiosidade e atenção aos adultos, mas, principalmente, aos pares. O bebê chorou poucas vezes no período de gravação. Apresentou manifestações de sorrisos, apesar de que não em todas as datas videogravadas.

#### 3.2. As expressões emocionais de sorriso e riso de Tiago

Nas interações de Tiago, não foi identificada nenhuma manifestação de riso, o que sugere novas investigações sobre o tema. Por outro lado, expressões de sorrisos de Tiago com pares foram verificadas onze vezes, com indicado na figura abaixo.

**Figura 2.** Ocorrências de sorrisos e risos na relação de Tiago com pares



Os sorrisos mostraram-se inicialmente esporádicos, passando a ser mais regular e frequentemente emitidos após o terceiro mês de frequência à creche. Para mostrar como os sorrisos foram se manifestando na relação com os pares, serão apresentados dois episódios.

#### 3.3. Transcrição do Episódio “Isis, Tiago e o Cogumelo!”

Primeira semana de frequência à creche. Duração episódio: 2 minutos e 15 segundos; Participantes: Tiago – 6 meses / Isis: 1 ano.

**Figura 3.** Ilustração do episódio "Isis, Tiago e o Cogumelo!"



“Tiago está deitado de barriga para baixo, olhando à frente, para Isis, que manuseia um cogumelo giratório. Ela levanta o cogumelo com as duas mãos, posicionando-o na frente de Tiago. Isis olha para Tiago que corresponde com o olhar. Isis segue batendo na parte superior do cogumelo e Tiago intercala olhares para ela e ao brinquedo. Tiago levanta a cabeça e troca olhar fixo com Isis. Em seguida, o bebê sorri enquanto impulsiona o corpo em direção a Isis/objeto. No entanto, ela está com a atenção voltada para o cogumelo e não vê o sorriso de Tiago. Isis segue explorando o objeto enquanto Tiago a observa atentamente. Ela levanta o objeto com as duas mãos e o afasta de Tiago. Ele olha fixamente para Isis, que solta o cogumelo das mãos, caindo longe dele. Isis se afasta”.

Embora o adulto não esteja diretamente presente, sua mediação através das práticas pedagógicas é materializada na organização do ambiente, a qual tem implicações nas interações e reações das crianças. Nessa organização, o fato de os bebês circularem em colchonetes e no chão, tendo diversificados objetos disponibilizados, mostra-se fundamental ao desenrolar dos processos interativos dos bebês.

A presença dos pares acaba por promover e re-significar a participação da criança naquele ambiente. Na medida em que o par de idade está mais presente e próximo aos bebês, eles acabam por atuar como impulsionadores/inibidores de encontros entre as crianças, promovendo sua reconfiguração atencional, seus movimentos e suas emoções, afetando o modo como o engajamento interativo passa a se dar (Costa & Amorim, 2019).

No episódio, inicialmente se observa interesse de Tiago pelo conjunto Isis-objeto (Amorim et al., 2012). Porém, devido às suas ainda limitadas condições de deslocamento, ele não consegue se aproximar. Isis, que percebe os olhares e movimento de Tiago, favorece uma continuidade na interação ao colocar o cogumelo diante do bebê. Configura-se então a triangulação Tiago – Objeto – Isis, na qual ambos os bebês intercalam olhares ao objeto e entre si, circunscrevendo a atenção conjunta.

É dentro desta situação de atenção conjunta (Aquino & Salomão, 2009; Tomasello, 2003) que emerge um sorriso de Tiago. Seu sorriso se manifesta de forma rápida e sutil, a ponto de necessitar grande atenção do pesquisador para captá-lo. Ainda que ele tenha levantado a cabeça ao sorrir, a condição de locomoção do bebê (não engatinhava) e sua postura (barriga para baixo), além da dificuldade de coordenação dos movimentos fizeram com que a expressão de sorriso não fosse percebida por Isis.

Apesar da não resposta da outra criança, pode-se inferir que Tiago demonstrou uma competência socioemocional quando emite o sorriso na direção de Isis. Tal evidência vai de encontro às proposições de Spitz (1965/2004), quando este afirma que bebês em torno de seis meses não sorriem indiscriminadamente, reservando sorrisos a pessoas conhecidas e em condições de aproximação específicas. Porém, na situação,

Tiago sorri para Isis em sua primeira semana de frequência à creche, a uma pessoa com a qual não possui qualquer familiaridade, sendo ainda essa pessoa outro bebê. Tal constatação, por se dar em condição de participação em contexto de educação coletiva, com par pouco conhecido e em condições diferenciadas das propostas por Spitz, aponta para novidades na identificação de manifestações de sorrisos, o que exige maiores investigações.

Finalmente, verifica-se no episódio que o sorriso se dá. Porém, frente a uma manifestação tão sutil, ele não produz contágio (Wallon, 1938/1999) na outra criança. Afora a sutileza da expressão, pesa a condição postural diferenciada entre as duas crianças. Dessa forma, no modo como se deram os processos de intercorporeidade (Amorim & Rossetti-Ferreira, 2008), as possibilidades perceptivas da manifestação pelo outro se mostrou limitada.

### 3.4. Transcrição do Episódio “Vamos bater?!”

Quatro meses após o ingresso na creche. Duração: 39 segundos. Participantes: Tiago – 10 meses / Rafael: 1 ano e 1 mês / Bruno: 1 ano e 1 mês.

**Figura 4.** Ilustração do episódio “Vamos bater?!”



“Tiago está sentado no topo de brinquedo de espuma que possui um quadrado no centro e rampas ao redor. Tiago olha à pesquisadora, sorri levemente e começa a bater as mãos no brinquedo. Ele escuta os gritos de Rafael e olha em sua direção. Rafael está no chão, de frente para a rampa. Ambos se olham e Rafael grita, sorri para Tiago, bate as mãos na rampa e sobe rapidamente, engatinhando ao encontro de Tiago. Tiago olha para Rafael e bate as mãos no brinquedo enquanto sorri e grita. Logo chega Bruno que fica em pé apoiado no brinquedo. Tiago olha para Bruno, bate no brinquedo e sorri em direção a ele. Bruno não visualiza o sorriso. Tiago desce do brinquedo”.

Neste episódio, verifica-se que Tiago se apresenta em condições de desenvolvimento bem diversa do anterior, quatro meses antes. Ele já consegue ficar em postura sentada sem apoio, o que lhe dá maior autonomia a movimentos com as mãos, no caso possibilitando bater no objeto. Mais do que isso, ele se mostra como um parceiro ativo que não é mais somente regulado pelo outro, mas também promove processos interacionais que se desdobram em correção com o par, emergindo manifestações emocionais.

No caso, observa-se novamente uma situação de triangulação, com o estabelecimento de atenção conjunta, em uma brincadeira iniciada por Tiago que consiste em bater as mãos sobre o objeto. Em um primeiro momento, Rafael é regulado por Tiago que imita o gesto de bater. Na excitação da situação, enquanto Rafael bate e sorri, ele também grita, atraindo a atenção de Tiago, passando a haver correção entre as crianças. Os movimentos e o encontro com o par geram maior excitação, que se desdobra no sorrir um ao outro, inclusive com ações de deslocamento (Costa & Amorim, 2018) que levam Rafael a subir na rampa, na direção de Tiago. Juntamente com os sorrisos, observa-se uma variedade de recursos que se manifestam de forma integrada nos e entre os diversos interlocutores (Elmôr, 2009).

Nota-se que houve não só uma participação mais ativa de Tiago, mas também uma progressiva articulação de recursos comunicativos, com maior possibilidade de deslocamento dentro do espaço e, inclusive, de novas formas de interagir dentro da nova condição postural (Clearfield, 2011). O conjunto das manifestações

permitiu não só que o par visualizasse o sorriso de Tiago, como também que a interação tivesse uma continuidade já que Rafael e Tiago passaram a estar empenhados na mesma brincadeira.

### *3.5. Os sorrisos de Tiago nas interações com pares: transformações ao longo do tempo*

O caso traz manifestações emocionais de sorriso dentro das experiências vividas pela criança naquele contexto, contexto este que tem um papel significativo no curso do desenvolvimento de crianças pequenas, o ambiente sendo um prisma que refrata o social no que acontece com a criança (González Rey, 2016).

Nesse contexto, considerando os elementos que o constituem e que contribuem para circunscrever os processos de desenvolvimento (Rossetti-Ferreira et al., 2004), verifica-se já na sua primeira semana de frequência à creche que Tiago manifesta sorrisos aos pares de idade em situações que envolvem atenção conjunta. No entanto, pelas características posturais e de uma expressão de sorriso que se faz rápida, sutil e sem sonoridade, não foi visualizada pelo par. Se a incompletude motora pode vir a favorecer encontros entre as crianças (Franchi e Vasconcelos, Amorim, Anjos, & Rossetti-Ferreira, 2003), ela pode também resultar em limitações nesses encontros.

Através das múltiplas vivências refratadas pelo ambiente, as manifestações emocionais de sorriso passam a compor manifestações que participam de ações como bater em objetos ou superfícies, acompanhadas por gritos que expressam excitação na situação. Em alguns desses momentos, suas ações e emoções acabam por atrair a atenção dos pares, desdobrando-se em eventos interacionais de correção.

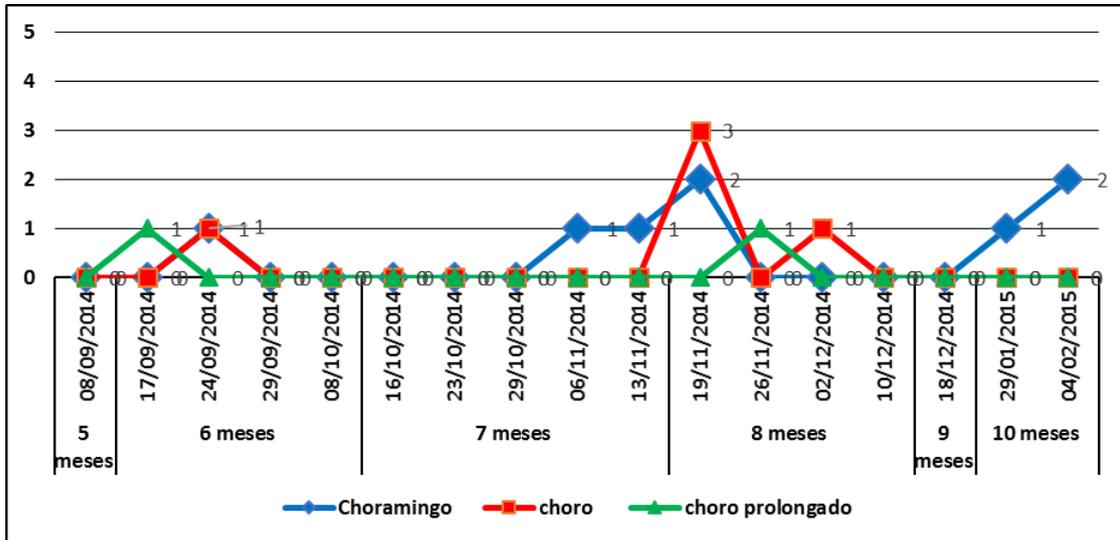
Com Tiago já sendo capaz de se sentar sem apoio, a postura lhe confere nova condição de interação (Costa, 2016), já que permite relativa equivalência de estatura com as demais crianças que também já se sentavam, possibilitando aos outros uma maior visibilidade da sua expressão. Tais mudanças, portanto, deram maior visibilidade das manifestações aos pares.

Mais ao final do acompanhamento do bebê na creche, verificou-se a ocorrência de mudanças nas manifestações de sorrisos de Tiago. Com a nova condição postural – em que ele já engatinhava e ficava em pé com apoio – Tiago chegava a se colocar diante de outros bebês para os quais manifestava sorriso. Nesta condição, Tiago passou a se envolver em brincadeiras sociais mais cooperativas (Howes, 1988). Nestas, Tiago passa a chamar a atenção do par que visualiza seu sorriso e age de forma corregulada. Passam a ocorrer sorrisos correspondidos pelos pares, sorrisos que participam de uma brincadeira, que compõem e promovem continuidade de uma interação lúdica.

### *3.6. Expressividades emocionais de Tiago relacionadas ao choro*

Durante os dias de gravação, Tiago expressou 15 choros na interação com pares. Pelas suas características e duração foram classificados em choramingos (8), choros (5) e choros prolongados (2), os quais estão indicados na figura abaixo.

**Figura 5.** Ocorrências de choramingos, choros e choros prolongados na relação com pares



Essas manifestações novamente mostraram-se menos presentes nos primeiros meses de frequência, aumentando nos dois meses finais de acompanhamento. Hipótese é de que, com uma maior autonomia, que possibilitava a Tiago deslocamento pelos espaços da sala, com mais frequentes encontros com os pares, tais encontros desdobravam-se não só em atividades cooperativas, como também agonísticas. Nesses encontros se destacam particularidades nas emissões das diferentes expressões de choro no que diz respeito aos parceiros, às situações, aos objetos, à intervenção dos adultos e a outras possíveis características no modo de o ambiente refratar os encontros das crianças. Esses elementos serão evidenciados nos três episódios a seguir, cada um representando uma das categorias relacionadas ao choro.

*3.7. Transcrição do Episódio de choro prolongado "Apoiado sobre a mão!"*

Primeira semana de frequência de Tiago à creche. Duração: 2 minutos e 15 segundos.  
 Participantes: Tiago – 6 meses / Junior: 11 meses.

**Figura 6.** Ilustração do episódio "Sentado sobre a mão!"



“Tiago está deitado de barriga para baixo, sobre um tapete colorido. Junior chega engatinhando e se senta inadvertidamente sobre uma das mãos de Tiago. Tiago se movimenta na tentativa de retirar sua mão e, sem sucesso, começa a chorar. A professora o chama pelo nome, mas ele não olha. Na sequência, Junior sai engatinhando e como Tiago estava buscando retirar sua mão de debaixo do corpo de Junior, quando este se levanta dali, a mão e parte do corpo de Tiago são lançados em movimento brusco no sentido contrário. Tiago segue chorando. A professora se aproxima e oferece brinquedos a ele, mas ele não pega, seguindo a chorar, olhando para os lados. O choro de Tiago se prolonga até o momento em que a professora o coloca sentado perto dela, apoiando-o pelas costas. A professora lhe oferece brinquedos e lhe dá a chupeta. Ao receber a chupeta, Tiago olha fixamente para a professora e indica querer colo. A professora verbaliza “Não! No colo, não! Vamos brincar!”, oferecendo-lhe brinquedos”.

No episódio, apesar de Tiago ter menos de seis meses e estar em processo de transição à creche, observa-se que ele não se utiliza primeiramente do choro para resolver a situação. Inicialmente, ele realiza tentativas de retirada da mão. O choro se manifesta na medida em que não consegue solucionar a questão. Mais ainda, quando Junior se levanta, ocorrendo nova situação de incômodo, pelo movimento brusco de liberação da sua mão, levando a que todo o seu corpo se deslocasse. O choro se mantém e Tiago agrega movimentos de deslocamento. Mesmo na posição de barriga para baixo, ele se esforça para se movimentar e olha sem direção fixa enquanto chora. O choro é indiscriminado, o bebê dirigindo o olhar não só à professora, como ao redor - ambiente e outras crianças.

Percebe-se que seu choro não causa em Junior nenhuma reação como de olhar ou retirar seu corpo de sobre a mão de Tiago. Ainda, a despeito de que o choro tem origem na interação regulada de Tiago por Junior, ele não é direcionado ao par. Ao chorar, Tiago olha ao ambiente aleatoriamente. Hipótese é de que, por ser primeira semana de frequência à creche, ele ainda não construiu relações que demarquem figuras de referência naquele contexto.

A despeito disso, a resposta à expressão dele vem da professora. O choro prolongado regula a professora, que se utiliza de estratégias como chamar pelo nome e, depois, em correção, ela lhe dá a chupeta, coloca-o em outra posição e oferece objetos (Melchiori & Alves, 2004). Dentre as estratégias da professora, a atitude de mudar a posição do bebê colocando-o sentado próximo a ela, resulta no encerramento do choro. Assim, observa-se prolongamento do choro do bebê até que este tivesse sido atendido em sua necessidade ou sensação de desamparo.

### *3.8. Transcrição do Episódio de choramingo: “O balão e os beliscões!”*

Um mês após o início de frequência à creche. Duração: 1 minuto e 25 segundos.

Participantes: Tiago – 7 meses / Isis: 1 ano e 2 meses.

**Figura 7.** Ilustração do episódio "O balão e os beliscões!"



“Tiago está apoiado sobre um carrinho de espuma e se encontra manuseando um balão que está com um pouco de ar. Isis aproxima-se, toma-lhe o balão das mãos, sentando-se ao lado e movendo-o, enquanto olha para Tiago. Este olha para o balão e depois para Isis. Na sequência se lança por sobre o carrinho, estendendo a mão em direção ao balão, sem conseguir pegá-lo. Tiago retrocede e fica olhando fixamente para o objeto e para Isis. Ela estende o braço levando o balão na direção de Tiago. Quando ele vai pegá-lo, ela o retira de próximo de Tiago. Novamente, Isis aproxima o balão junto ao rosto de Tiago, mas em um desequilíbrio, ela o deixa cair. Isis olha o balão e Tiago se movimenta para pegá-lo, mas, ele está fora de seu alcance. Ele retrocede. Isis se coloca diante de Tiago, em pé, e coloca as duas mãos sobre a cabeça dele. Ela passa a fazer movimentos de pegar no rosto de Tiago e apertar. Seus dedos tocam os olhos, o nariz e a boca de Tiago. Este começa a choramingar e se movimenta. A professora escuta e, à distância, chama a atenção dela. Isis interrompe a ação e logo volta a beliscar o rosto de Tiago, que volta a choramingar. A professora se aproxima, afasta Isis de Tiago e verbaliza dizendo a ela: “Não pode!”. A professora diz a Isis que ela deve fazer carinho, pegando-a pela mão e demonstrando o gesto. Em seguida, a professora afasta Isis dali e Tiago as acompanha com o olhar”.

Neste episódio, estabelece-se um engajamento triádico de atenção conjunta (Aquino & Salomão, 2009) entre Isis, Tiago e o balão. No início, estabelece-se como que um diálogo mudo entre os bebês (Scorsolini-Comin & Amorim, 2010) cujo foco é o balão. Nesse processo é notável a diferença de condição postural, de locomoção e coordenação de Isis (em pé e com o balão em mãos), em relação a Tiago (apoiado com dificuldade sobre o brinquedo de espuma). É nesta disparidade de condições que Isis deixa cair o balão, fazendo com que fosse modificado o foco da interação (investindo no rosto de Tiago), emergindo novos significados na interação corregulada das crianças (Amorim, Costa et al., 2012).

O choramingo se mostra como elemento importante na situação, na medida em representa um incômodo de Tiago frente à perda do objeto e das investidas de Isis, que realiza gestos de entrega do balão a ele, sem efetivamente entregá-lo. Mais ainda, após a perda do balão pelas duas crianças, o choramingo se faz pela sucessão de beliscões dados por Isis em seu rosto.

É interessante observar que o choramingo não é o primeiro recurso utilizado pelo bebê para reagir às invasões físicas: Tiago movimenta a cabeça, afastando-a para trás, tentando deslocar-se ao levantar o tronco. Contudo, pela sua incompletude motora (Franchi, Vasconcelos et al., 2003), circunscreve-se uma sequência interativa

em que Isis domina a situação. Mas, pela diversidade de recursos já desenvolvidos em Tiago nas experiências vividas por ele naquele ambiente, algumas tentativas de negociação acontecem, o choramingo sendo um dos últimos recursos utilizados neste evento. A importância desta sequência de manifestações permite inferir que se deu desdobramentos na interação. Caso Tiago tivesse lançado mão do choro como primeiro recurso às investidas de Isis, muito provavelmente a interação teria sido encerrada pela intervenção imediata das professoras.

### 3.9. Transcrição do Episódio de choro de Tiago: "Lara, Tiago e a girafa!"

Dois meses após o ingresso na creche. Duração: 28 segundos. Participantes: Tiago – 8 meses / Lara: 1 ano e 2 meses.

**Figura 8.** Ilustração do episódio "Lara, Tiago e a girafa!"



“Tiago engatinha em direção a um cavalinho de brinquedo. Lara (seis meses mais velha) está em pé, com uma girafa de brinquedo nas mãos, mais afastada de Tiago. Quando Tiago passa perto de Lara, ela olha para ele e bate com a girafa em sua cabeça. Tiago retrocede com o corpo, senta e curva a coluna ao abaixar a cabeça, sendo possível escutar sons de choro. Ao início, Lara cessa as batidas e se posiciona na frente dele, observando o choro. Ouve-se a professora “Oh, Lara! Dá aqui pra tia! Não pode bater! Dá um abraço nele!” A professora se aproxima e faz com que Lara abrace Tiago que chora intensamente. Logo, a professora afasta Lara de Tiago, que diminui gradativamente a intensidade do choro”.

Neste episódio, o choro de Tiago se dá como uma forma de manifestar a dor que possivelmente sentira pelos golpes dados com a girafa. Juntamente com o choro, Tiago muda a postura corporal, passando do movimento de engatinhar para uma retração do corpo, abaixando a cabeça e emitindo sons de choro. A postura como que o coloca em uma posição de maior fragilidade e vulnerabilidade na relação com o par. Essa postura é observada pela outra criança que, aparentemente, exercita uma ação/relação de poder sobre o outro. Se o choro é observado atentamente por Lara, tanto promovendo o choro, como não buscando interrompê-lo, ele resulta em ação diferente pela professora. Esta traz vozes sociais de como as relações devem se dar, no sentido de as relações se efetivarem permeadas por carinho e respeito pelos outros. Nesse sentido, a professora verbaliza frases buscando que Lara abrace o par e, ainda, levando a criança a fazer carinho em Tiago, após ter batido nele. A mediação da professora indica, não só valores de como as relações socialmente devem se dar, as fazer tentativas de aproximar afetivamente as crianças, minimizando os efeitos da agressão. Apesar disso, Tiago não recebe o gesto neste sentido, já que inclusive ele tem seu choro intensificado diante do toque da outra criança.

### 3.10. Os diferentes choros de Tiago

Os episódios de choro apresentados mostram não só uma diferenciação de tipos de expressão (choro, choramingo e choro prolongado) nos encontros com os pares, como evidenciam transformações no modo de relações, pelas vivências dos bebês naquele contexto.

Dentre os tipos, observou-se que o choro prolongado efetivou-se pouquíssimas vezes (apenas em duas ocasiões observadas), estando relacionados a situações agonísticas (Garcia, Almeida, & Gil, 2013) com invasões físicas de outros bebês em relação a Tiago. Aparentemente as situações que lhe causaram dor, como no episódio *“Lara, Tiago e a girafa!”*, fazendo com que o bebê chorasse longamente mesmo depois da intervenção da professora.

Os choros (cinco ocorrências) foram emitidos particularmente em momentos de disputa por brinquedos. Já os choramingos (oito ocorrências) foram emitidos diante de situações invasivas, mas também diante de incômodo pela perda de brinquedo aos colegas.

Assim como nas manifestações de sorriso, a condição postural (de barriga para baixo, sentado, engatinhando ou em pé) mostrou ser fator que interfere na relação com o par, pela menor/maior possibilidade de resposta frente à ação do outro, tendo sofrido mudanças conforme a criança adquiriu novas posturas e habilidades motoras.

Nos diferentes tipos de choros, observamos que os pares não se mostraram contagiados pela emoção (Wallon, 1938/1999) de Tiago. O único momento em que foi possível observar reação do outro bebê ao seu choro foi no caso de Lara que ficou olhando Tiago chorar, mais parecendo um experimento em sua relação com o par. Nos demais episódios, os outros bebês ora afastaram-se ou mudaram de foco, as professoras particularmente atuando nas situações. Ainda, devido à rápida intervenção das professoras, não se tem uma continuidade das interações dos pares nas situações de choros.

#### 4. Discussão

A análise do caso de Tiago acompanhou manifestações de expressividade emocional do bebê com o par ao longo de seis meses, desde seu início de sua frequência à creche, podendo-se verificar um conjunto de situações em que se manifestaram. Tanto o sorriso como variações do choro ocorreram na relação com a outra criança, nos dois casos havendo aumento de frequência da expressividade com o tempo de permanência da criança no contexto. Hipótese quanto a esse aumento de manifestação é de que, no caso do sorriso, a criança passou a não só construir relações com as outras crianças, como com as mudanças posturais, seu sorriso passou a ser mais claramente apreendido, levando a correspondência pelo outro. No caso das variações de choro, hipótese de seu aumento no tempo se deve à maior autonomia em seu deslocamento com mais frequentes encontros com as demais crianças, passando a haver mais disputas de objetos e situações agonísticas com o par.

Especificamente em relação às manifestações de sorriso, estas se efetivaram desde o primeiro dia de frequência à creche, a despeito de que os pares não representavam pessoas conhecidas e de referência. Tal constatação coloca a necessidade de novos estudos, pois se contrapõe à noção de Spitz (1965/2004) que indica sua ocorrência em idades posteriores, no sexto mês de vida estando mais ligado a sorrisos à mãe ou a pessoas conhecidas.

Outro aspecto de destaque refere-se ao potencial de contagiosidade das expressividades emocionais. De acordo com Wallon (1938/1999), a natureza das emoções possui um traço essencial que é o elemento da contagiosidade, sendo através das emoções que a criança pequena desperta sentimentos no outro, inclusive de ajuda. No caso de Tiago, a contagiosidade se efetivou em apenas dois episódios de sorriso, permitindo a continuidade da relação que incluía sorrir, bater na superfície, gritar e se movimentar. Os limites do contágio nos episódios deveram-se significativamente a aspectos posturais.

Nas manifestações relacionadas ao choro, esta contagiosidade não foi observada nos pares, diante de quem Tiago chorava. Possivelmente pelo próprio aprendizado ligado a ações/reações, o choro era mais vivenciado pelo par, sem a ocorrência de envolvimento de solidariedade de comportamentos. No entanto, o choro resultava quase que prontamente em ações das professoras nas situações. Para além do contágio pela emoção da criança (Wallon, 1938/1999), as ações delas vinham carregadas de concepções sociais sobre formas de relações e expressões naquele contexto, estando marcadas pelo papel pedagógico na educação infantil. Frente a essas particularidades, entende-se que o tema requer maior exploração.

Através dos episódios apresentados, observou-se que, em pelo menos dois deles (envolvendo o balão e o cogumelo), as expressões emocionais de sorriso ou choro ocorreram em situação de atenção conjunta: em um deles, Tiago estava com seis meses de idade; e, no outro, sete meses. Autores que abordam o tema da atenção conjunta enfatizam que tal fenômeno está presente no bebê a partir dos nove meses de idade

(Tomasello, 2003; Aquino & Salomão, 2009), antes disso, o bebê basicamente participando de processos diádicos. A presença da atenção conjunta com manifestações emocionais sugerem também novas investigações em idade precoces e entre pares de bebês.

Dentre o conjunto de sorrisos e choros, observaram-se características diferentes nos modos de expressão. Sorrisos foram mais sutis e silenciosos. Por isso, ainda que dirigidos ao outro, eram de difícil visualização pelas especificidades da dinâmica da relação entre as crianças. Por vezes havia um olhar recíproco, mas quando o bebê passava a sorrir para o outro, este já não estava olhando para ele. Portanto, não via a expressão. Contudo, ao longo das vivências e ao emitir sorrisos acompanhados por outros recursos, os sorrisos passaram a ser mais visualizados e compartilhados pelos pares.

Diferentemente das expressões de sorriso, as manifestações de choro, para além das características usuais de representação na face, contaram com expressão de vocalizações rítmicas mais intensas, o que permitia uma rápida identificação, ainda que o bebê estivesse distante ou em posição que resultariam em menor visibilidade de sua expressão. Tais características da expressividade despertavam facilmente a atenção do outro, não só dos outros bebês, mas principalmente das professoras, que em seu papel pedagógico e como representantes da cultura social do grupo, passavam a tomar providências.

Tal atitude acabava por um lado por limitar o desenrolar das situações, podendo vir a diminuir a construção de recursos de Tiago nas negociações ligadas às interações. A ação de promover o ato de educar a não violência era feita pelas professoras não só por verbalizações, como se utilizando dos braços e mãos das crianças para abraçar aquele que chora. Outra atitude é distrair o bebê com objetos para fazê-lo parar de chorar. Tais atitudes impediam a sequência das interações, cessando mais brevemente os choros, podendo contribuir para o elevado número de choramingos na medida em que era retirado o bebê que provocava o choro em Tiago. Por fim, a criança não chorava ao companheiro considerado agressor, mas diretamente ao adulto, entendendo-se aí a construção de vínculo e de figura de referência naquele ambiente. Tais questões são importantes de serem considerados na prática de profissionais da educação infantil (Shin, 2012).

## 5. Considerações finais

A análise dos dados permitiu evidenciar não só a ocorrência de interações de pares de bebês (Amorim et al., 2012; Anjos et al., 2004), como a emergência de expressividade emocional do bebê - como sorrir e chorar - na relação com os pares.

A manifestação de sorriso era inicialmente sutil e silenciosa. Com as vivências cotidianas do bebê naquele contexto, o bebê passou a expressar sorrisos de forma mais estereotipada, o que resultava em maior visibilidade da mesma pelo par. Essa visibilidade foi amplificada com aquisições de posturas mais eretas, que contribuiu para que a manifestação fosse mais facilmente apreendida pela outra criança. Ainda, com uma participação da criança com maior senso de pertencimento àquele ambiente, após período de transição com o ingresso na creche, o sorriso passou a ser expresso conjuntamente a outras ações e vocalizações. Assim, verificou-se a articulação do sorriso a outros recursos comunicativos para além da expressão facial, perpassando toda a corporeidade do bebê (Amorim & Rossetti-Ferreira, 2008; Ferreira, 2013). Destaca-se, portanto, não só a ocorrência da expressão de sorriso na relação com outros bebês no espaço da creche, mas, a transformação no modo de manifestá-lo, com um uso social na relação.

Já as manifestações de choro – usualmente acompanhadas por vocalizações – deram-se com identificação do mesmo pelos pares e adultos, independente da visualização do rosto do bebê. Contudo, o contágio e a proposta pedagógica das professoras fizeram com que os episódios de choro tivessem interferência direta do adulto, com a interrupção da interação. No intervalo entre o início dos choros de Tiago e a aproximação das professoras, os outros bebês não apresentavam maiores reações a ele, à exceção do episódio de Lara que se limitou a olhar Tiago que chorava. A hipótese é de que a questão da contagiosidade das emoções seja um aspecto ainda em desenvolvimento nas crianças, em se tratando de relações com pares de idade. Ou ainda de que, frente a um contexto em que o choro das crianças ocorre com frequência, o significado dele para a criança frente ao outro que chora se dê de forma diferenciada, o que sugere maiores investigações.

No geral, à análise dessas manifestações dos bebês em contextos de educação coletiva, destaca-se o papel do professor. Este, ao organizar o ambiente de que participam os bebês, pode não só possibilitar, como promover maior acesso da criança ao outro, desdobrando interações de pares de bebês. Nestas se dão

processos de elaboração de manifestações emocionais através dos encontros e das negociações em torno de objetos e brincadeiras. Tais interações, em que bebês têm a possibilidade de se expressar, possibilitam o desenvolvimento de competências socioemocionais, importantes ao processo de socialização (Howes, 1988; Lewis, 2005; Legendrea & Munchenbach, 2010). Representa, assim, importante eixo de intervenção a ser considerado na estruturação dos espaços, rotinas e práticas pedagógicas.

Dado o papel da convivência grupal coletiva para o desenvolvimento socioemocional de bebês (Howes, 1988), que favorece o reconhecimento do outro e a ampliação do repertório expressivo / comunicativo da criança (McGaha et al., 2011), mostra-se fundamental que tais aspectos façam parte da formação inicial e continuada de professores da primeira infância. Os resultados dessa pesquisa podem também servir de suporte às escolhas das famílias frente à educação e à opção pelas creches como lugar alternativo às crianças pequenas, haja vista a riqueza de possibilidades interativas e desenvolvimento nesse contexto.

## Referências

- Anjos, A. M., Amorim, K. S., Franchi e Vasconcelos, C. R., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2004). Interações de bebês em creche. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 513-522.
- Amorim, K. S. (2011) Infant's signification processes: a dialogue with Toomela's focus on case studies. In: *Yearbook of Idiographic Science* (volume 2-2009) (pp. 57-77). Ed. Roma: Firera & Liuzzo Group.
- Amorim, K. S., & Rossetti-Ferreira, M. C. R. (2008). Corporeidade, significação e o primeiro ano de vida. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(1), 67-81.
- Amorim, K. S., Anjos, A. M., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2012). Processos interativos de bebês em creche. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 378-389.
- Amorim, K. S., Costa, C. A., Rodrigues, L. A., Moura, G. G., & Ferreira, L. D. I. P. M. (2012). O bebê e a construção de significações, em relações afetivas e contextos culturais diversos. *Temas em Psicologia*, 20(2), 309-326.
- Amorim, K. S., Dentz, M., & Costa, N. (2018). O dilema em pesquisa entre o uso de imagem e o direito ao anonimato. In M. I. S. Leme & S. Leite, *Pesquisa aplicada em Psicologia: Implicações éticas*. Campinas: Mercado de Letras. (Coletânea de capítulos escritos por membros do GT Contextos Sociais de Desenvolvimento: Aspectos Evolutivos e Culturais da ANPPEP).
- Aquino, F. S. B., & Salomão, N. M. R. (2009). Contribuições da habilidade de atenção conjunta para a cognição social infantil. *Psicologia em Estudo*, 14(2), 233-241.
- Bakhtin, M. M. (1981). *Discourse in the novel, the dialogic imagination* (pp. 259-422). Austin: University of Texas Press.
- Belei, R. A., Gimenez-Paschoal, S. R., Nascimento, E. N., & Matsumoto, P. H. V. R. (2008). O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação*, 30, 187-199.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda: Vol 1. Apego: A natureza do vínculo* (A. Cabral, Trad., 2ª ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969).
- Bradley, B. S., & Smithson, M. (2017). Groupness in preverbal infants: Proof of concept. *Frontiers in Psychology*, doi: 0.3389/fpsyg.2017.00385
- Branningan, C. R., & Humphries, D. A. (1981). Comportamento não-verbal humano, um meio de comunicação. In N. Blurton-Jones (Org.), *Estudos etológicos do comportamento da criança*. São Paulo, SP: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais.
- Carvalho, A. M. A., Bergamasco, N. H. P., Lyra, M. C. D. P., Pedrosa, M. I. P. C., Rubiano, M. R. B., Rossetti-Ferreira, M. C., ... Vasconcellos, V. M. R. (1996). Registro em vídeo na pesquisa em psicologia: reflexões a partir de relatos de experiência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(3), 261-267.
- Carvalho, A. M. A., Império-Hamburger, A., & Pedrosa, M. I. (1996). *Interação, regulação e correlação no contexto do desenvolvimento humano: Discussão conceitual e exemplos empíricos* (IFUSP/ P No. 1196). São Paulo, SP: Instituto de Física/Universidade de São Paulo.
- Clearfield, M. W. (2011). Learning to walk changes infants' social interactions. *Infant Behavior and Development*, 34(1), 15-25.

- Costa, N. M. S. (2016). O desenvolvimento da locomoção em interações bebê-bebê no contexto de creche (Dissertação de Mestrado não publicada). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-02122016-164240/pt-br.php>
- Costa, N. M. S., & Amorim, K. S. (2018). A co-construção do fluxo locomotor em processos interativos bebê-bebê. *Psicologia em Pesquisa*, 12(3), 73-83.
- Daniel, J., & Shapiro, J. (1996). Infant transitions: Home to center-based child care. *Child & Youth Care Forum*, 25(2), 111-123.
- Darwin, C. (2004). *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1965).
- Dentz, M. (2016). *Expressões emocionais de sorriso e choro na relação do bebê com seus pares, na creche* (Dissertação de Mestrado não publicada). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-19042016-131815/pt-br.php>
- Deynoot-Schaub, M. J. J. M., & Riksen-Walraven, J. M. A. (2006). Peer interaction in child care centres at 15 and 23 months: Stability and links with children's socio-emotional adjustment. *Infant Behavior & Development*, 29(2), 276-288.
- Elmôr, L. N. R. (2009). *Recursos comunicativos utilizados por bebês em interação com diferentes interlocutores, durante processo de adaptação à creche: Um estudo de caso* (Dissertação de Mestrado não publicada). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-24042009-093312/pt-br.php>
- Engdahl, I (2012). Doing friendship during the second year of life in a Swedish preschool. *European Early Childhood Education Research Journal*, 20(1), 83-98.
- Ferreira, L. D. I. P. M. (2013). *Expressões emocionais de desprazer no primeiro ano de vida: Manifestações e processos de transformação* (Dissertação de Mestrado não publicada). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-14102013-122934/pt-br.php>
- Franchi e Vasconcelos, C. R., Amorim, K. S., Anjos, A. M., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2003). A incompletude como virtude: Interação de bebês na creche. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), 293-301.
- Franco, F., Perucchini, P., & March, B. (2009). Is infant initiation of joint attention by pointing affected by type of interaction? *Social Development*, 18(1), 51-76.
- Garcia, L. T., Almeida, N. V. F., & Gil, M. S. A. (2013). Conflitos e agressões entre bebês e diferentes atributos de brinquedos: Um estudo experimental. *Interação em Psicologia*, 17(1), 27-36.
- Góes, M. D. (2000). A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedes*, 20(50), 9-25.
- González Rey, F. (2016). Vygotsky's concept of perezhivanie in the psychology of art and at the final moment of his work: Advancing his legacy. *Mind, Culture, and Activity*, 23(4), 305-314.
- Howes, C. (1988) Peer interaction of young children. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 53(1):217.
- Kreppner, K. (2001). Sobre a maneira de produzir dados no estudo da interação social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(2), 97-107.
- Legendrea, A., & Munchenbach, D. (2011). Two-to-three-year-old children's interactions with peers in child-care centres: Effects of spatial distance to caregivers. *Infant Behavior & Development*, 34, 111-125.
- Lewis, M. (2005). The child and its family: The social network model. *Human Development*, 48, 8-27.
- Liddle, M.-J. E., Bradley, B. S., & McGrath, A. (2015). Baby empathy: Infant distress and peer prosocial responses. *Infant Mental Health Journal*, 36(4), 446-458.
- McGaha, C. G., Cummings, R., Lippard, B., & Dallas, K. (2011). Relationship building: Infants, toddlers, and 2-year-olds. *Early Childhood Research and Practice*, 13(1), 1-13.
- Melchiori, L. E., & Alves, Z. M. M. B. (2004). Estratégias que educadoras de creche afirmam utilizar para lidar com o choro dos bebês. *Interação em Psicologia*, 8(1), 35-43.
- Mendes, D. M. L. F., & Moura, M. L. S. (2009). Expressões faciais de emoção em bebês: Importância e evidências. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(2), 307-327.
- Mendes, D. M. L. F., & Seidl-de-Moura, M. L. (2009). O sorriso humano: Aspectos universais, inatos e os determinantes culturais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(1), 109-120.

- Messinger, D. S. (2002). Positive and negative: Infant facial expressions and emotions. *Current Directions in Psychological Science*, 11(1), 1-6.
- Morin, E. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade.
- Neves, V. F. A., Katz, L., Goulart, M. I. M., & Gomes, M. F. C. (2018). Dancing with the pacifiers: infant's perizhivanya in a Brazilian early childhood education centre. *Early Child Development and Care*, doi:10.1080/03004430.2018.1482891
- Nichols, S. R., Svetlova, M., & Brownell, C. (2010). Toddlers' understanding of peer emotions. *Journal of Genetic Psychology*, 171(1), 35–53.
- Otta, E., & Sarra, S. (1990). Um estudo sobre o sorriso e o riso em crianças de quatro a cinco anos. *Psicologia USP*, 1(1), 13-24.
- Otta, E., Obara, C., Bonilha, R., Akalmine, C., Pedrazzoli Neto, M., & Bortoletto, A. C. (1992). Sorriso em bebês: Reação à face humana e a vários tipos de degradações deste estímulo. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 2(2), 117-125.
- Rose, C. A., Richman, D. M., Fetting, K., Hayner, A., Slavin, C., & Preast, J. L. (2016). Peer reactions to early childhood aggression in a preschool setting: Defenders, encouragers, or neutral bystander. *Developmental Neurorehabilitation*, 19(4), 246– 254.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., & Silva, A. P. S. (2004). Rede de significações: Alguns conceitos básicos. In M. C. Rossetti-Ferreira, K. S. Amorim, A. P. S. Silva, & A. M. A. Carvalho, *Redes de significação e o estudo do desenvolvimento humano* (pp. 24-41). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Rutanen, N., Amorim, K. S., Marwick, H., & White, J. (2018). Tensions and challenges concerning ethics on video research with young children - experiences from an international collaboration among seven countries. *Video Journal of Education and Pedagogy*, 4, 19-35.
- Scorsolini-Comin, F., & Amorim, K. S. (2010). Em meu gesto existe o teu gesto: Corporeidade na inclusão de crianças deficientes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 261-269.
- Seild-de-Moura, M. L., Ribas, A. F. P., Seabra, K. C., Pessôa, L. F., Nogueira, S. E., Mendes, D. M. L. F., ... Vicente, C. C. (2008). Interações mãe-bebê de um e cinco meses: Aspectos afetivos, complexidade e sistemas parentais predominantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 66-73.
- Shin, M. (2012). The role of joint attention in social communication and play among infants. *Journal of Early Childhood Research*, 10(3), 309–317.
- Spitz, R. A. (2004). *O primeiro ano de vida* (E. M. B. Rocha, Trad., 3a ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965).
- Tomasello, M. (2003). *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano* (C. Berliner, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Trevarthen, C., & Aitken, K. J. (2001). Infant intersubjectivity: Research, theory, and clinical applications. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 42(1), 3-48.
- Vygotsky, L. (1991). *A formação social da mente*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Wallon, H. (1999). A atividade proprioplástica. In M. J. G. Werebe & J. Nadel-Brulfert (Orgs.), *Henri Wallon* (2a ed., pp. 141-148). São Paulo, SP: Ática. (Trabalho original publicado em 1938).
- Wallon, H. (1999). Como estudar a criança? In M. J. G. Werebe & J. Nadel-Brulfert (Orgs.), *Henri Wallon* (2a ed., pp. 72-82). São Paulo, SP: Ática. (Trabalho original publicado em 1941).
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (5a ed.). Porto Alegre, RS: Bookman.